

# PROJETO PÉS: MOVIMENTOS, ENCONTROS E INFLUÊNCIAS<sup>1</sup>

Marina Cardoso Anchises<sup>2</sup>

Ivette Kafure Munoz<sup>3</sup>

196

MUSEOLOGIA & INTERDISCIPLINARIDADE Vol. 7, nº 14, Jul./ Dez. de 2018

DOI: <https://doi.org/10.26512/museologia.v7i14.18395>

## RESUMO

O Projeto Pés foi criado por Rafael Augusto Tursi Matsutacke em 2011, como Projeto de Extensão e Ação Contínua da Universidade de Brasília. Composto por pessoas com e sem deficiência, buscou-se descobrir e analisar de que forma a dança/teatro, os movimentos, os encontros, os momentos com o grupo influenciam na vida dos “dançantes” e revelam as suas potencialidades. Foi realizada uma pesquisa qualitativa com diferentes métodos e técnicas. Os resultados mostram que os dançantes desenvolvem um sentimento de pertencimento com relação ao grupo e que agem de forma ativa contribuindo para a excelência do projeto. Já o Tursi e as mães acham que o Projeto Pés está na hora de se profissionalizar tornando-se uma companhia de dança.

## PALAVRAS-CHAVE

Projeto Pés; Dança; Expressão Corporal; Deficiência; Inclusão.

## ABSTRACT

The Feet Project was created by Rafael Augusto Tursi Matsutacke in 2011 as Extension and Continuous Action Project of the Brasilia University. Composed of people with and without disabilities, we sought to discover and analyze how dance/theater, movements, meetings, moments with the group influence the life of the “dancers” and reveal their potentialities. It was realized a qualitative research with different methods and techniques. The results show that the dancers develop a sense of belonging to the group and actively act to contribute to the excellence of the project. Tursi and the participant mothers think that it's time for the Feet Project to become a professional dance company.

## KEY WORDS

feet project Dance; Body language; Disability; Inclusion.

<sup>1</sup> Pesquisa desenvolvida com o apoio do Programa de Iniciação Científica (ProIC) da Universidade de Brasília, na área de humanidades (Faculdade de Ciência da Informação) em, 2016-2017. O projeto obteve menção honrosa quando apresentado no Congresso 23º Congresso de Iniciação Científica da UnB e 14º do DF, 2017.

<sup>2</sup> Graduanda em Museologia. Faculdade de Ciência da Informação. Bolsista de Iniciação Científica PIBIC/CNPq. Universidade de Brasília.

<sup>3</sup> Professora da Faculdade de Ciência da Informação

## INTRODUÇÃO

O *Projeto Pés* surgiu da necessidade que Rafael Augusto Tursi sentiu, quando era aluno de graduação de Artes Cênicas da Universidade de Brasília em 2009. Uma amiga, muito querida, sofreu um grave acidente de trânsito que a deixou com tetraparesia<sup>4</sup>. Com isso, ela passou a fazer tratamento no Hospital Sarah Kubitschek de Brasília. Tratamento esse que envolvia fisioterapia e atividades esportivas. Durante todo o processo de reabilitação, Tursi percebeu que o enfoque no tratamento terapêutico era voltado apenas para a reabilitação por meio de atividades físicas.

Surgiu, então, a ideia de se trabalhar de forma lúdica, tentando buscar nos movimentos uma forma de interação, criação e superação de pessoas com deficiência física. A partir desse momento, Rafael decidiu trabalhar “o exercício do teatro e da dança como reeducador corporal para pessoas com deficiência” (TURSI, 2014).

Para desenvolver seu projeto, Rafael Tursi procurou pessoas tetraplégicas que estudassem na Universidade de Brasília; contudo não encontrou. Nessa época, havia, na UnB, apenas três pessoas nessas condições e que, por motivos diversos, não toparam o desafio.

O criador do *Projeto Pés* não desistiu e continuou procurando pessoas que preenchessem os requisitos e que aceitassem participar do projeto. Encontrou um pequeno grupo disposto a compartilhar seu sonho, mas havia um problema: nenhuma dessas pessoas preenchia os requisitos que ele buscava. Todas tinham alguma deficiência; porém nenhuma tinha tetraparesia.

É importante ressaltar que, neste trabalho, usamos o termo “pessoa com deficiência”, pois é o termo correto para definir essas pessoas, conforme a Convenção das Nações Unidas sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência, apresentada pela ONU em 2006 e aprovada e ratificada pelo Brasil em 2008.

Pessoas com deficiência são aquelas que têm impedimentos de longo prazo de natureza física, mental, intelectual ou sensorial, os quais, em interação com diversas barreiras, podem obstruir sua participação plena e efetiva na sociedade em igualdade de condições com as demais pessoas. (Decreto 6949. Presidência da República, 2009)

## I O GRUPO

No grupo inicial, havia uma pessoa com deficiência múltipla; uma com Síndrome de Kabuki<sup>5</sup>; duas com paralisia cerebral<sup>6</sup>; e, mais tarde, juntou-se ao grupo uma pessoa com déficit intelectual.

O que fazer então? Abandonar ou enfrentar os novos desafios? A opção foi continuar e enfrentar os novos obstáculos. Como começar? Por onde começar? O que fazer?

Passado esse primeiro momento de indecisão, Tursi resolveu continuar. E

<sup>4</sup> Paralisia incompleta de nervo ou músculo dos membros inferiores e superiores que não perderam inteiramente a sensibilidade e o movimento.

<sup>5</sup> A Síndrome de Kabuki (SK) é uma síndrome de anomalias congênitas múltiplas caracterizada por características faciais típicas, anomalias esqueléticas, déficit intelectual leve a moderado e atraso de crescimento pós-natal. Disponível em: <[http://www.orpha.net/consor/cgibin/OC\\_Exp.php?Lng=PT&Expert=2322](http://www.orpha.net/consor/cgibin/OC_Exp.php?Lng=PT&Expert=2322)>. Acesso em 28 de junho de 2017.

<sup>6</sup> A encefalopatia crônica não progressiva é popularmente conhecida como paralisia cerebral (PC), é definida como um distúrbio permanente não invariável do movimento e da postura, proveniente de lesões não progressivas no cérebro que iniciam nos primeiros anos de vida. A PC é determinada pela mudança de movimentos posturais dos pacientes, em decorrência a uma lesão ou disfunção do sistema nervoso central, não sendo causado por doença degenerativa. Disponível em: <<http://www.infoescola.com/neurologia/paralisia-cerebral/>>. Acesso em 28 de junho de 2017.

Figura 1: Ensaio fotográfico baseado em jogo de movimentos corporais, luzes e sombras



Fonte: Jemima Bracho - Imagens de Baú. Iluminação: Higor Filipe. Direção: Rafael Tursi.

hoje, em entrevista realizada no dia primeiro de junho de 2017, ele diz que o grupo, como um todo, além de atender e superar as suas expectativas também mudou o foco da sua pesquisa.

No começo eu falava da criação do movimento expressivo para pessoas com deficiência; hoje eu falo da criação do movimento por pessoas com deficiência, eu sou só o provocador (Tursi).

O grupo, ainda segundo Tursi, foi um ponto forte especialmente na virada de sua vida profissional. Ele estava decidido a ser ator; mas, a partir de sua vivência com o grupo, resolveu que queria também ser diretor, ator, dançarino, “eu quero ser esse outro, eu quero ser Pés?...”

O *Projeto Pés* serviu de laboratório para vários trabalhos acadêmicos, como dissertações de mestrado, monografias, artigos realizados por integrantes do grupo e também observadores do projeto nas mais diferentes áreas, como Pedagogia, Educação Física, Artes Cênicas, Comunicação Social, Artes Plásticas. Alessandra Matos Terra, em sua tese de mestrado em Educação Física, pesquisou o grupo com o objetivo de “investigar o significado da dança contemporânea como possibilidade de expressão da diversidade de corpos e técnicas corporais” (TERRA, 2013).

Por outro lado, Clara Braga de Oliveira e Silva, em sua monografia de conclusão do curso de Licenciatura em Artes Cênicas, explorou “O Tema Arte Inclusão na Produção Científica da Pós-Graduação em Artes no Brasil” (SILVA, 2012). Clara sentiu a necessidade e a falta, em sua formação acadêmica, de disciplinas votadas para o ensino de Arte para os profissionais da área para trabalhar com pessoas com deficiência.

Particularmente, eu, Marina, durante todo meu trajeto escolar, pude perceber que a maioria dos professores, de todas as áreas, não estavam preparados para lidar com esse tipo de aluno. Muitos até ignoravam a minha presença em

sala de aula e também não procuravam nenhuma alternativa para a minha efetiva participação nas atividades desenvolvidas, especialmente os professores de Educação Física e Arte. Hoje, posso compreender que, além de não terem tido uma formação teórica adequada, sentiam medo de lidar com os “diferentes”.

Foram realizados diversos trabalhos de pesquisa, tendo o grupo como objeto de estudo: palestras proferidas em congressos e em eventos acadêmicos; aulas, oficinas, além de apresentações de cenas e de espetáculos.

Mas... e os participantes do *Projeto Pés?* E o público, como percebem este projeto?

Dos participantes/dançantes, apenas quatro continuam desde a primeira formação do grupo: Thayná, Kelly, Monise e Marina (eu). Chamaremos esses dançantes por seus nomes, pois é um grupo bastante singular: gostam de ser chamados pelos próprios nomes e citaram nominalmente uns aos outros quando responderam às questões das entrevistas. Muitos que entraram no início do grupo saíram por diversos motivos: doenças oportunistas que acontecem com mais frequência nas pessoas com deficiência; mudança para outros estados; compromissos profissionais e pessoais; dificuldade nos transportes coletivos; cansaço; problemas para conciliar as atividades diárias com as atividades do projeto (figura 2).

Figura 2: Apresentação do *Projeto Pés?*



Fonte: Própria (2016)

## 2 O TEATRO DANÇA

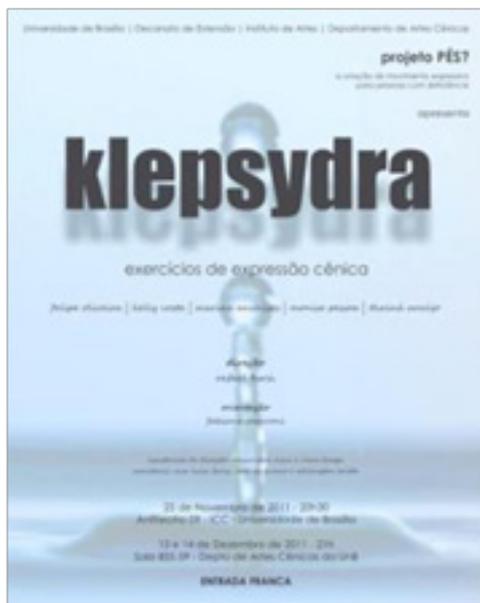
Durante esses anos de existência do *Projeto Pés?*, foram muitas horas de ensaios/aulas, realizados às quartas-feiras, à noite; e, aos sábados, pela manhã. Depois, houve uma mudança para segundas-feiras e quartas-feiras, à noite; e, atualmente, os ensaios acontecem às terças-feiras e às quintas-feiras no período noturno para atender às necessidades dos pais, alunos, monitores e do coordenador.

Nesses anos, o grupo fez diversas apresentações de quatro espetáculos (figura 3):

- Klepsidra - espetáculo de estreia do grupo que “traz para a cena a busca por um movimento cotidiano transformado em poesia corporal”. Em cena, pessoas com deficiência que enfrentam suas próprias deficiências em busca das eficiências de sua poesia corporal. Neste espetáculo, percebe-se claramente quem é monitor e quem é aluno; e não há um encadeamento das cenas.
- Grãos – é o segundo espetáculo do grupo. Neste, as cenas têm um encadeamento e não há distinção entre monitores e alunos. Em um naufrágio, cartas são lançadas ao mar, mas nem todas vão chegar ao seu destino. Algumas vão chegar para qualquer pessoa; outras para ninguém. Assim, também são os corpos que têm vontade de dizer alguma coisa. A ideia de grãos/cartas que vão se juntando para dizer alguma coisa.
- Similitudo – é o terceiro espetáculo do grupo em que se propõe apresentar o cotidiano em cena. Este espetáculo aborda questões de convívio social no dia a dia e de como esse cotidiano, muitas vezes, poda e molda padrões de movimentos, de relacionamento e até de sensibilidade. Neste espetáculo, também não se percebe a diferença entre monitores e alunos.
- Ludo – é um trabalho experimental de encontro e improviso junto com a Musical Camerata / landé Ensemble. Em cena, os dançantes cruzam parte de seus processos de criação e ensaio. Antes disso, os grupos de músicos e de dançantes pouco se viram ou se ouviram. Este trabalho nasce justamente da vontade do novo e do encontro.

Essas apresentações ocorreram no Teatro de Sobradinho, Espaço Cultural Carol Thayná em Sobradinho, Teatro SESC Paulo Autran, Teatro da Praça, Escola Classe 52, Centro Educacional 02, Taguaparque em Taguatinga, Teatro da CAESB em Águas Claras, Teatro SESC Newton Rossi em Ceilândia, Teatro Nacional Claudio Santoro, Teatro Plínio Marcos FUNARTE, Teatro da Caixa, Centro Cultural de Brasília, Instituto Federal de Brasília – IFB, Departamento de Artes

Figura 3: Cartazes das Apresentações do Projeto





Fonte: Projeto Pés?

Cênicas e Centro Comunitário da Universidade de Brasília – UnB, Conjunto Cultural da República, Memorial Darcy Ribeiro em Brasília.

Nesse ano de 2017, o Projeto Pés? foi convidado a participar do Festival Internacional de dança ARTE X IGUAL a ser realizado na Patagônia/Argentina no mês de novembro. Será o único grupo a representar o Brasil neste evento.

### 3. METODOLOGIA E RESULTADOS

A abordagem qualitativa foi realizada com os métodos de estudo de caso e com a pesquisa-ação. Durante a pesquisa, foram utilizadas diversas técnicas de coleta de dados. Para traçar o perfil dos integrantes do *Projeto Pés?*, utilizaram-se os laudos médicos, entrevistas com os participantes do grupo, com as mães e com o coordenador; distribuição de 200 questionários para o público de duas apresentações, que aconteceram no Teatro Paulo Autran - SESC Taguatinga Norte. Entre o período de agosto de 2016 a junho de 2017, foram feitas observações assistemáticas durante os ensaios, dos quais a autora participa, e foram colhidos vários depoimentos espontâneos.

Nesse período, também foram utilizados questionários, entrevistas e depoimentos espontâneos de pais, alunos, professores, monitores e do público em geral. As entrevistas foram realizadas no período de 12 de maio a 12 de junho de 2017 com quatro mães, seis monitores, sete pessoas com deficiência e também com o coordenador do grupo. Os outros participantes não puderam ou não quiseram participar. Duas pessoas com deficiência não participaram porque o comprometimento mental ou o comprometimento da fala não possibilitaram a realização da entrevista.

Foram entrevistados 14 dos 20 integrantes do *Projeto Pés?*, 6 mães e o coordenador do projeto. Também, eu, Marina, participei efetivamente de todos os ensaios realizados no período de agosto/2016 a junho/2017, preparando a remontagem do espetáculo *SIMILITUDO*; momentos em que pude observar cada novo participante que chegou para compor o grupo e especialmente aqueles que permaneceram.

Atualmente, o grupo conta com 21 participantes, dos quais, um tem Sínd-

drome de Kabuki; cinco têm Paralisia Cerebral; um tem Síndrome de Williams<sup>7</sup>; um tem Síndrome de Dandy Walker<sup>8</sup>; um tem Atraso Global do Desenvolvimento; e um apresenta deficiência múltipla. As deficiências não foram impedimento para que essas pessoas frequentassem a escola; alguns já concluíram o Ensino Médio e outros estão cursando o Ensino Fundamental.

Os demais dançantes não apresentam nenhuma deficiência; mas abraçaram o projeto por diversos motivos, como curiosidade e oportunidade de ter aulas práticas.

Inclusive um dos entrevistados comentou que se sentiu importante, que acreditava que as pessoas precisavam de ajuda, mas descobriu que quem precisava de ajuda era ele mesmo. Outro declarou que o grupo conseguiu “preencher um vazio”, que ali encontrou o “cuidado”, algo que não encontrou em outro lugar; disse que, depois de assistir a um espetáculo, sentiu que “precisava fazer parte daquilo”.

Nas entrevistas com os atuais integrantes do grupo, perguntou-se sobre o que o/a teriam levado a participar do grupo, qual a sua contribuição para manutenção, crescimento e melhoria do Projeto Pés? enquanto grupo.

Os alunos com deficiência responderam que poderiam se beneficiar participando do grupo, sobretudo pela oportunidade de integração com outras pessoas, muitos disseram que gostam de dançar, de teatro e que também se encantaram com o trabalho desenvolvido pelo coordenador.

Com o decorrer do tempo, sentiram-se valorizados; especialmente quando puderam mostrar que são capazes de fazer um belo espetáculo. Disseram também que a contribuição deles para a existência do grupo é principalmente a força de vontade, o desempenho, a dedicação, a entrega, o tempo, a assiduidade, a pontualidade, a alegria, o amor com que realizam todas as atividades e o envolvimento com as propostas do grupo.

Quanto às melhorias do Projeto Pés?, comentaram que o grupo precisa de uma melhor organização quanto à divisão de tarefas, à pontualidade e à assiduidade de alguns integrantes; mais comprometimento de outros e menos rotatividade dos monitores. Esse também é o pensamento das mães com relação às melhorias necessárias para que o grupo fique ainda melhor.

Para as mães, a maior contribuição delas para o Projeto é trazer seus filhos aos ensaios e apresentações, zelando pela pontualidade e a assiduidade. Também participam em todas as atividades a que são chamadas, como, por exemplo, na venda de ingressos para os espetáculos e na venda de rifas, entre outras tarefas.

Tanto o coordenador como as mães e os dançantes acreditam que chegou o momento de o grupo se profissionalizar. Certamente isso facilitaria ao grupo na hora de resolver algumas questões burocráticas.

Já os monitores acham que a contribuição deles para o projeto vem do sentimento, do amor, do carinho, da experiência, da prontidão para atender os “meninos”. Alguns disseram que precisam disponibilizar mais tempo e que precisam ter mais compromisso com as atividades desenvolvidas pelo grupo.

Para melhorar o grupo, os monitores disseram que é preciso uma melhor

<sup>7</sup> A síndrome de Williams é uma doença caracterizada por “face de gnomo ou fadinha”, nariz pequeno e empinado, cabelos encaracolados, lábios cheios, dentes pequenos e sorriso frequente. Essas crianças normalmente têm problemas de coordenação e equilíbrio, apresentando um atraso psicomotor. Seu comportamento é sociável e comunicativo, embora utilizem expressões faciais, contatos visuais e gestos em sua comunicação. Disponível em: <<http://www.fiocruz.br/biosseguranca/Bis/infantil/sindrome-williams.htm>>. Acesso em 28 de junho de 2017.

<sup>8</sup> A síndrome de Dandy Walker, também chamada de complexo de Dandy Walker, consiste em uma malformação cerebral congênita que acomete o cerebelo e os espaços repletos de líquido circunvizinhos a ele. Disponível em: <<http://www.infoescola.com/doencas/sindrome-de-dandy-walker/>>. Acesso em 28 de junho de 2017.

O quadro I mostra o resumo do comprometimento das pessoas com deficiência:

Nome	Idade	Deficiência	Fala comprometida	Coordenação motora fina	Cadeirante	Deficiência Intelectual
Fernanda	28	Paralisia Cerebral	x	x	x	x
Gabriela	21	Síndrome de Dandy Walker	x			
Kelly	40	Paralisia Cerebral	x	x	x	
Laís	19	Paralisia Cerebral				x
Laura	17	Atraso Global do Desenvolvimento	x	x		x
Lucas	23	Síndrome de Williams	x	x		
Marina	27	Paralisia Cerebral	x	x	x	
Monise	21	Deficiência Múltipla	x	x		x
Roges	22	Paralisia Cerebral		x	x	
Thayná	24	Síndrome de Kabuki				x

Fonte: Laudos médicos e depoimentos das mães dos membros do Protejo Pés?

“infraestrutura”: conseguir mais objetos, mais material, mais cadeiras de rodas. Sugeriram também a necessidade de mais tempo para ensaios e de mais momentos de convivência entre os integrantes sem ser para ensaios; alguns comentaram que “é preciso ter mais responsabilidade com as atividades do Projeto”.

Durante as várias apresentações dos espetáculos, nos seus anos de existência, percebemos as mais diversas reações do público, tais como choro, encantamento, emoção, surpresa, sorrisos, apreensões, gritos e muitos aplausos.

Após cada espetáculo, várias pessoas fazem questão de ir até o palco para tirar fotos e parabenizar o grupo. Algumas perguntam se alguns atores são de verdade. Como o caso de uma senhora que, depois de uma apresentação, se dirigiu a uma pessoa bem próxima que me relatou a pergunta que aquela senhora fizera: “aquela menina da cadeira deitada é de verdade?”. A meu ver, essa pessoa não deve ter tido nenhum contato com esse mundo da diversidade; para ela pensar que a Kelly fosse um robô, uma boneca ou um ser de outra galáxia.

Muitos também perguntam como os participantes do grupo conseguem fazer apresentações tão maravilhosas e por que não há uma maior divulgação do Projeto Pés?.

No ano de 2016, nos dias 21 e 22 de setembro, em duas apresentações do espetáculo Klepsidra, que aconteceram no Teatro Paulo Autran, do SESC de Taguatinga Norte, foram distribuídos 200 questionários para realizar uma pesquisa de opinião sobre o espetáculo. Recebemos de volta 145 questionários, sendo 39

em branco e 106 respondidos.

O público era composto de pessoas entre 10 e 60 anos de idade, sendo que 46 cursam o Ensino Médio e os outros 60 cursam a EJA - Educação de Jovens e Adultos; 55 pessoas do sexo feminino, 47 do sexo masculino e 04 pessoas deixaram em branco. Dessas pessoas, 87 já tinham ido ao teatro, mas nenhuma tinha assistido a um espetáculo com pessoas com alguma deficiência.

Perguntados que nota de zero a dez dariam ao espetáculo, a maioria, ou seja, 78 pessoas deram nota 10; 12 deram nota 09; 08 deram nota 08; 1 pessoa deu nota 07; 1 pessoa deu nota 2; e 6 pessoas deixaram em branco.

Vários foram os depoimentos deixados em relação ao espetáculo; principalmente no que diz respeito a superação, dignidade, competência, capacidade, força de vontade, exemplo e coragem.

Alguns depoimentos, como “me fez ver a vida por um outro lado” ou “ter respeito com o próximo”, mostram que as pessoas precisam conviver mais com pessoas que tenham alguma deficiência para aprender que a deficiência não impede que façam algo maravilhoso. São deficientes para algumas coisas e eficientes para outras.

“Precisamos aceitar as diferenças”, “não ter preconceito” também foram alguns dos comentários que revelam que ainda existe muito preconceito, mesmo que de forma velada. Quando alguém diz “somos todos iguais, apesar das diferenças” mostra-se preconceituoso, pois não somos todos iguais; somos todos diferentes, apesar de nossas igualdades.

#### 4 ANÁLISE E DISCUSSÃO DE RESULTADOS

No *Projeto Pés*, os dançantes são valorizados por suas capacidades e potencialidades. Como diz Rafael Tursi, eles criam o espetáculo, são eles os protagonistas do grupo; e isso fez que eu, Marina, mudasse o meu olhar e refletisse sobre os meus “pré-conceitos”. O projeto não é educação especial e muito menos inclusão.

Os dançantes permanecem no projeto porque “ali” é o lugar onde eles se identificam. Eles desenvolvem um sentimento de pertencimento com relação ao grupo; não são “coitadinhos”, agem de forma ativa, reinventando cada movimento, usando o corpo para transmitir uma mensagem e esse “corpo dançante expressa significados, com base na construção de suas técnicas...”

Em relação ao Projeto, o que se pode constatar é que as pessoas com deficiência são “a alma do projeto”. São elas que dão vida aos espetáculos e também ao grupo.

Os “deficientes” ensinam mais do que os “eficientes”, são mais presentes, mais assíduos, mais pontuais, mais comprometidos apesar de todas as dificuldades. Eles levam o projeto tão a sério que o chamam de trabalho. “Ali” é um lugar de interação, de superação, de convivência e, por que não dizer, de diversão.

O que podemos perceber é que essa interação ocorre de maneira gradativa, com a convivência de todos, tanto deficientes como não deficientes. Não existe discriminação, a interação acontece com o convívio, a confiança, a empatia, as afinidades que vão sendo construídas ao longo do tempo.

No *Projeto Pés?*, são muitos momentos de criação, transpiração, satisfação, superação, modificação, sempre buscando revelar as potencialidades de cada “dançante”.

## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na realização das entrevistas, foi solicitado aos integrantes, pais e ao coordenador que definissem o *Projeto Pés* em uma única palavra. Os integrantes responderam: amor, extraordinário, fantástico, unidade, sucesso, sinceridade, carinho, dança, corpo, tudo. Os pais responderam: trabalho, amizade, consideração, música, respeito, prazer, doação. O coordenador respondeu: família.

Durante o período de julho/2016 a junho/2017, pude perceber e constatar, por meio das entrevistas realizadas com os integrantes do grupo, que uma das principais razões pela qual os dançantes permanecem no projeto é que “ali” é um lugar onde eles se identificam, são valorizados por suas capacidades e potencialidades; não são considerados “café com leite”, como brinca o coordenador do grupo. No *Projeto Pés*, a pessoa está à frente da sua deficiência. Os dançantes desenvolvem um sentimento de pertencimento com relação ao grupo, pois, muitas vezes, são chamados a colaborar nas aulas; suas intervenções na criação/modificação das cenas são aceitas e, durante os ensaios, suas opiniões são extremamente respeitadas porque são relevantes para a criação do espetáculo (figura 4). Eles, os dançantes, agem de forma ativa no grupo, não sendo apenas espectadores, que recebem de forma passiva os comandos que devem ser seguidos. Certamente suas capacidades e potencialidades contribuem para a excelência do *Projeto Pés*.

## AGRADECIMENTOS

Agradecimentos especiais a Cristina (mãe de Marina); a Rafael Tursi Coordenador do *Projeto Pés*, aos participantes do Grupo; às mães dos dançantes; ao público; ao Programa de Iniciação Científica e ao CNPq, pelo suporte financeiro.

Figura 4: Ensaio fotográfico baseado em jogo de movimentos corporais, luzes e sombras



Fonte: Jemima Bracho - Imagens de Baú. Iluminação: Higor Filipe. Direção: Rafael Tursi

## REFERÊNCIAS

BRASIL. Constituição (1988). Constituição da República Federativa do Brasil. Brasília: Senado, 1988.

\_\_\_\_\_. Decreto nº 3298 de Dezembro de 1999. Política nacional para a integração da pessoa portadora de deficiência. Subchefia para Assuntos Jurídicos [da] Presidência da República. Brasília, DF, 20 dez. 1999.

\_\_\_\_\_. Decreto nº 6949 de Agosto de 2009. Convenção Internacional sobre os direitos das pessoas com deficiência e seu protocolo facultativo. Subchefia para Assuntos Jurídicos [da] Presidência da República. Brasília, DF, 25 ago. 2009.

GASPAR, Mônica. *Diversos dias: uma vivência teatral colaboracionista da poética da plenitude do ser*. Brasília. Ed. do autor. 2015.

MARQUES, Isabel A. *Dançando na escola*. São Paulo. Cortez. 2003.

MCLUHAN, Mashall. *Os meios de comunicação como extensões do homem*. Tradução Décio Pignatari. São Paulo: Editora Cultrix, 1964, pp.17-37

MILLER, Jussara. *Qual é o corpo que dança?: dança e educação somática para adultos e crianças*. São Paulo. Summus Editorial. 2012.

SILVA, Clara Braga de Oliveira e. *O Tema Arte Inclusão na Produção Científica da Pós-Graduação em Artes no Brasil*. 2012. 32 f., il. Monografia (Licenciatura em Artes Plásticas) – Universidade de Brasília, Brasília, 2012

TERRA, Alessandra Matos. *Corpos que Dançam na Diversidade e na Criação*. 2013. xi, 130 f., il. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Universidade de Brasília, Brasília, 2013.

TURSI, Rafael. *Meu Corpo, Teu Corpo e Este Outro: Visitando os Processos Criativos do Projeto PÉS*. 2014. 125 f., il. Dissertação (Mestrado em Arte) – Universidade de Brasília, Brasília, 2014.

Projeto pés Teatro-Dança para Pessoas com Deficiência. Disponível em: <<https://www.projetopes.com/curriculo>>. acesso em 25 de fevereiro de 2017.